



CONTOS E LENDAS

DE CARNEIRO GONÇALVES

D. 24/82

Incômoda é a tarefa de escrever sobre uma obra cujo autor a morte arrebatou na plenitude da vida.

Despontava o ano e 1974 e naquela manhã, ao abrímos o jornal, a notícia trágica apanhou-nos como o impacto duma bala. E, nos meios jornalísticos e literários, ficou a pairar soturnamente aquele evento. Todos nos sentimos mais pobres porque, como escreveu alguém, um homem não é uma ilha; e, sempre que um homem desaparece, é como se arrancassem uma parte ao continente que somos nós mesmos. Como Eva, a personagem de «Fragmentos duma Novela», a quem a morte de alguém obsessionava, também

primeira edição em 1974 e faz parte da colecção «O Som e o Sentido». A segunda edição, de 1980, insere-se na colecção «Autores Moçambicanos». Compreende duas lendas: (A Gruta de Cantaia e Malidza), os contos: A Guerra dos Cem Anos, A Mulher do Escritor, Noite Oceânica, O Remo, A Patrulha e Fragmentos de Uma Novela Inconcluída.

É difícil transpor uma lenda para linguagem literária, sem se cair numa narração insípida e prosaica. Contudo o autor foi feliz no tratamento destas lendas zambezianas. Senhor de um completo domínio da forma, logrou vasá-las num estilo adaptado ao assunto, cheio de poesia, pitoresco, correndo

significado último pode escapar ao leitor e até a um crítico menos perspicaz. Como na pesquisa geológica, há que joear, examinar bem a terra para lhe desentranhar as pepitas de ouro que ela encerra.

Nas seis narrativas os diálogos das personagens são de uma espantosa naturalidade. Por momentos temos a ilusão de as ouvir falar. É o que se passa, por exemplo, com o conto «A Guerra dos Cem Anos». «A Mulher do Escritor» aborda um tema inédito de um realismo tão intenso como a própria vida. O mesmo acontece com «A Lua do Advogado» e «Noite Oceânica». «O Remo» parece-nos ser o símbolo da aventura de que todo o homem se sente possuído, talvez a fuga à rotina da vida, talvez a viagem, o sonho da distância, curiosidade do ignoto que todos algum dia sentimos. Em «A Patrulha» o narrador leva-nos pela mão e introduz-nos no ambiente da vida militar em campanha. Ali vemos e ouvimos personagens com os seus dramas íntimos. Não se trata de marionettes, postas no palco, mas de homens reais, com todos os seus defeitos e qualidades. O mesmo se poderia dizer da novela inacabada. E aqui se revela, inequivoca, a veia de escritor de Carneiro Gonçalves.

Depois há um halo poético a circundar tudo, personagens, enredo e locais, cenários pintados com as melhores tintas da sua paleta. Como sucede com muitos de nós — escreve Sebastião Alba no prefácio de Contos e Lendas — ele acreditava que aquilo a que se chama a visão de um artista é a sua primeira imagem poética do mundo, essa que ao longo de toda uma vida se busca fixar num fundo de luz permanente. Estamos em crer que essa visão do artista no autor de Contos e Lendas alicerça-se numa primeira imagem verdadeiramente poética do mundo.

Carneiro Gonçalves era jovem quando uma morte violenta o arrancou ao nosso convívio jornalístico e literário. Mas, a avaliar pela maturidade patente na sua obra, é de crer que a visão sadia e optimista das coisas e dos homens não a obliterassem as intempéries que assolam todo o homem do berço ao túmulo. Cedou nos roubou a morte um escritor de que tanto havia ainda a esperar para glória da literatura moçambicana.

POR FERRAZ DA MOTA

CARNEIRO GONÇALVES

CONTOS E LENDAS



conosco acontecia o mesmo Sentíamos o seu fim como a extinção duma chama sob a luzada que a apaga prematuramente.

António Carneiro Gonçalves nasceu em Braga, a 21 de Junho do 1941. Veio para Moçambique em 1950. Os anos da adolescência passaram-se em Tete e frequentou na Beira o Instituto Liceal D. Gonçalo da Silveira. Foi jornalista no Notícias da Beira. A sua propensão para as letras cedo se revelou. Aos vinte anos escreveu o conto «A Lua do Advogado», mas tudo leva a crer que as suas primícias literárias remontassem a anos atrás.

«Contos e Lendas», em que foram reunidas algumas das suas produções, teve a sua

fluente como um veio de água cristalina.

Os contos são tão originais, de tão grande poder sugestivo, que é difícil analisá-los e muito menos penetrar-lhes o sentido oculto. Como disse um crítico de Hemingway, a obra do autor de «As Neves do Kilimandjaro» tem muito de iceberg; pois, tal como um bloco de gelo que apenas mostra uma pequena parte visível acima do nível do mar, e a grande massa está submersa, a sua obra tem mais de implícito que de claramente expresso. O mesmo se poderia dizer de Carneiro Gonçalves. O seu facies sugestivo, aliado a um poder de síntese e realismo, está de tal maneira subjacente às palavras que o seu